

# ENTRE UM “ARIELISMO TARDIO” E UM “CALIBANISMO PRECOCE”: O MODERNISMO BRASILEIRO NA INTERPRETAÇÃO DE BERNARDO RICUPERO

**Ricupero, Bernardo.** *Entre Ariel, Caliban e Próspero: dilemas da identidade (latino) americana pensados a partir do Brasil.* São Paulo, Alameda, 2025, 366 pp.



Ulisses do Valle

Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História  
ulissesv@ufg.br  
<https://orcid.org/0000-0002-0486-8320>

Publicado pela Alameda Editorial em 2025, *Entre Ariel, Caliban e Próspero*, de Bernardo Ricupero, é livro que deveriam ler todos os interessados nas letras latino-americanas e nos problemas que giram em torno à formação de uma suposta identidade latino-americana. Duas boas razões fundamentam esse imperativo: a primeira é a de que o livro se apoia num conjunto de hipóteses tão interessantes quanto fecundas para reconstruir não a formação de uma identidade (latino)americana — como se indubitavelmente houvesse alguma a ser reconstruída — mas dos dilemas que precisaram ser enfrentados por intelectuais e escritores que, direta ou indiretamente, ao longo do século XX, participaram da desafiadora aventura de uma elaboração literária do ser (latino)americano.

A segunda razão, além da fecundidade aglutinadora das hipóteses, é que o livro traz consigo um robusto trabalho de erudição histórica e comparativa ao longo das quase quatrocentas notas de rodapé, que além de informar detalhes importantes dos processos de produção e recepção literária, também por vezes elevam os “dilemas da identidade (latino)americana” à sua máxima elucidação possível à luz do complexo jogo das relações internacionais que estava em cena em cada contexto analisado.

É neste ponto, aliás, que se coloca a hipótese central que articula a integralidade do livro: as tentativas de elaboração literária da identidade latino-americana, ao longo do século XX, se deram em intrínseca conexão com a recepção da peça *A Tempestade*, escrita por Shakespeare no início do século XVII. Junto com essa primeira hipótese aparece também o primeiro grande dilema, do qual parece decorrer todos os demais que integram o

livro: a elaboração literária da identidade latino-americana esbarrou sempre na tutela de um outro em relação ao qual procurava identificar-se ou diferenciar-se, aproximar-se ou separar-se, imitar ou superar, mas em todo caso um outro que era tomado como medida para o próprio ser, com o qual se media, se comparava e se ajuizava sobre si mesmo—ou sobre a dura constatação dessa ausência, apontada pela própria ambiguidade que perfaz o dilema: a definição do próprio pelo intermédio de um outro.

Com isso se pode passar à segunda grande hipótese que percorre o livro e que, como a primeira, está contemplada no título—neste caso, no subtítulo: "dilemas da identidade (latino)americana pensados a partir do Brasil". "A partir do Brasil" não tanto porque o seu autor é brasileiro e privilegia escritores brasileiros, e mais porque levanta a hipótese de que, ao longo das tentativas de definição de uma identidade latino-americana, a presença do Brasil a ocupar quase metade do continente funcionou sempre como uma dificuldade a mais em integrar a multiplicidade americana numa unidade que, além de conceitual e abstrata, pudesse também ser de vida e sentimento, reunindo traços comuns de cultura e visão de mundo, de forma societária e organizacional, de passado e de possíveis futuros. Dificuldade que se agravava no desconhecimento mútuo das duas grandes porções que compunham essa suposta unidade "América Latina" —a parte portuguesa e a espanhola— e que só então começou a ser enfrentado, sendo este enfrentamento parte importante de uma história dos dilemas da identidade latino-americana.

Articulando essas duas hipóteses, o livro explora ainda uma terceira, que é justamente a que lhe dá sua nota de originalidade: ao longo do século XX, a recepção de *A Tempestade* se operou em três contextos diferentes e sucessivos, cada qual deslocando a ênfase numa ou noutra personagem da peça do grande dramaturgo britânico. Nomeou cada um desses contextos conforme a personagem shakespeariana que ganhara centralidade para a recepção latino-americana, demarcando-os a partir das obras em torno das quais essa recepção tomou forma e foi, pouco a pouco, adquirindo conteúdo em diferentes regiões da América.

A cada um desses contextos Ricupero dedica uma parte do livro. Assim, um "momento Ariel", ao qual se dedica a primeira parte, inicia-se com a publicação de *Ariel*, do uruguaio José Enrique Rodó, em 1900, e a rica proliferação do tema americanista a que deu margem, não só entre escritores platenses mas também entre brasileiros e mexicanos. Um segundo contexto de recepção —o "momento Caliban"— se iniciaria com a publicação de

*Caliban*, por Roberto Fernández Retamar, em 1971; e, por fim, com a publicação de *O Espelho de Próspero*, em 1982, pelo estadunidense Richard Morse, um novo descolamento se operaria—conduzindo ao “momento Próspero”.

Sem desconsiderar o grau de arbitrariedade em toda demarcação contextual cronológica rígida, Ricupero encontra para cada um desses momentos prefigurações já dispersas entre outros intelectuais latino-americanos. Casos como o do poeta nicaraguense Ruben Darío e do escritor franco-argentino Paul Groussac, em relação ao momento Ariel; e a antropofagia de Oswald de Andrade em relação ao momento Caliban. O fundamental é que em cada um desses momentos uma personagem da peça shakespeariana é usada como símbolo para expressar a situação latino-americana frente a seus modelos e rivais: isto é, Europa e Estados Unidos.

Antecedidos por uma introdução e um primeiro capítulo dedicado às controvérsias acerca da interpretação de *A Tempestade* e suas possíveis referências à experiência colonial da Europa na América, a primeira parte do livro, dedicada ao “momento Ariel”, ocupa quatro capítulos (II, III, IV e V). Nela Ricupero, além de analisar os efeitos da circulação de *Ariel* entre intelectuais platenses, brasileiros e mexicanos, vincula o livro de Rodó e sua prolífica recepção a um pano de fundo ante o qual aparecem como uma criativa resposta: a derrota espanhola na guerra contra os Estados Unidos em 1898. Seria especialmente a partir de então que intelectuais da América espanhola passariam a perceber os Estados Unidos mais como ameaça do que como modelo, contrastando a decadente herança espanhola com a promissora e ascendente sociedade norte-americana. Assim, antes mesmo que *Ariel* viesse a público, escritores como Groussac e Darío fizeram essa contraposição entre o espírito latino —então ameaçado de morte— e o anglo-saxônico, apoiando-se no uso simbólico das personagens do referido drama shakespeariano. O utilitarismo inculto que emanava dos Estados Unidos era assim associado a Caliban, o selvagem feio e deformado, com algo de monstruoso e violento, ao passo que a América hispânica, sentida por esses intelectuais como herdeira e continuadora da longa tradição latina, era associada a Ariel, o espírito alado que habitava a ilha colonizada por Próspero.

Esse antagonismo entre um espírito latino a ser salvo da ameaça utilitarista, representada pelo espírito anglo-saxônico, repercutiria com maior intensidade nos anos subseqüentes à publicação de *Ariel*, transbordando o debate literário e alcançando o plano das relações internacionais na III Conferência Pan-Americana, realizada no Rio de Janeiro em 1906 — assunto do quarto capítulo. Ao sediar o evento, o Brasil colocava-se finalmente numa

posição mais compatível com uma possível aproximação política e cultural em relação a seus vizinhos de fala espanhola: era um momento de afirmação e estabilização de uma República recém proclamada no plano formal e ainda muito distante de uma efetiva consolidação, consequência de uma também muito recente abolição da escravatura.

Se a forma monárquica de governo e a renitente persistência da escravidão mantiveram o Brasil apartado de seus vizinhos, outros fatores serviram a uma ulterior aproximação. Este foi o caso da intensa mestiçagem promovida por séculos em meio ao regime escravista, e que continuou com todo vigor após a abolição. Elemento que, como mostra Ricupero no quinto capítulo, serviu como ingrediente básico para que o mexicano José Vasconcelos elaborasse o que viria a ser o mito da *"raza cósmica"*, cuja repercussão se fez sentir em várias partes do continente, no Brasil, em particular, entre escritores vinculados ao movimento Verde-Amarelo paulista (p. 197).

É interessante notar a posição curiosa que o Brasil ocupa ao adotarmos o critério de demarcação utilizado por Ricupero. Pois alas distintas de um mesmo movimento artístico e cultural —o modernismo paulista— acabam vinculadas uma ao momento Ariel, como é o caso do supramencionado verde-amarelismo, e outra ao momento Caliban, no que respeita à corrente antropofágica liderada por Oswald de Andrade. O mesmo contexto —o paulista de um século atrás— seria assim igualmente próximo de um "ariélismo tardio" e de um "calibanismo precoce".

Precoce porque apenas em 1971, com a publicação do livro de Fernández Retamar, se operaria a substituição de Ariel por *Caliban* para simbolizar a América Latina. Entretanto, uma das críticas de maior repercussão ao Caliban de Retamar foi a desferida pelo uruguaio Rodríguez Monegal, que chamava a atenção do cubano para o fato de que a antropofagia de Oswald de Andrade já fizera do selvagem e do primitivo um símbolo, inclusive com maior grau de radicalidade e fecundidade do que propunha o autor de *Caliban* quase quarenta anos mais tarde e sob os influxos de um contexto cultural e político completamente diferente.

Tenha sido ou não em razão da crítica de Monegal, o fato é que, anos mais tarde, Retamar viria a incluir a Antropofagia em suas reflexões, ainda que matizando não só suas afinidades e semelhanças, mas também suas diferenças com o projeto oswaldiano, a começar pelo fato de Oswald não ter se referido ao Caliban shakespeariano para simbolizar a América Latina. Apesar disso, defende Ricupero, essa aproximação de intelectuais

hispano-americanos em relação a brasileiros correspondia a certo alargamento do que se entendia por América Latina (p. 280).

Ocupando espaço bem menor no livro, os leitores encontrarão a última parte dedicada ao "momento Próspero". Este se estabelece com a repercussão, especialmente mexicana e brasileira, de *O Espelho de Próspero*, publicado em 1982 pelo estadunidense Richard Morse. Um novo deslocamento se opera, não tanto do símbolo como da perspectiva através da qual se o observa. Não se trata da revolta calibanesca com seu próprio atraso, com sua condição de escravo colonizado, e sim de salientar eventuais vantagens daquilo que até então era visto como atraso, mas que bem poderia ser o potencial de uma outra modernidade, alternativa àquela do utilitarismo desumanizante representado por Próspero.

O livro de Ricupero tem ainda a vantagem de, por meio dos contextos para os quais ditas obras passam a funcionar como marcadores de uma reconfiguração temática dos dilemas latino-americanos, o autor conseguir reconstruir com clareza importantes debates que foram travados em cada um desses momentos. Com isso, uma miríade de outros autores e obras vêm à baila: Pedro Henríquez Ureña, Max Henríquez Ureña, Francisco García Calderón, Alfonso Reyes, José Veríssimo, Euclides da Cunha, Joaquim Nabuco, Oliveira Lima, Oswald de Andrade, Werneck Vianna, José Guilherme Merquior e outros autores de larga envergadura são assim ordenados conforme as semelhanças e diferenças dos dilemas que enfrentam. Algumas presenças surpreendem positivamente, como a do quase sempre esquecido Oswaldo Costa, importante expoente da Antropofagia junto a Oswald de Andrade e Raul Bopp. Por outro lado, curiosas mas significativas ausências também chamam a atenção. Já que se trata de pensar a partir do Brasil, é de se estranhar que não apareçam na análise o texto do jovem Sérgio Buarque de Holanda sobre Ariel; assim como, ao chegar à parte consagrada ao "momento Próspero" e sua revalorização do *ethos* ibérico, não conste nada sobre os textos de Gilberto Freyre, não tanto os que o canonizaram nas letras brasileiras, mas principalmente aqueles que, apesar de esquecidos, lidam diretamente com a temática em foco e muito teriam a contribuir com a análise feita por Ricupero: é o caso de *O Brasileiro entre os outros Hispanos*, publicado sete anos antes do livro de Richard Morse e repleto de sugestivas afinidades com o momento Próspero. O compreensível lamento de tais ausências não diminui os méritos do livro de Ricupero, cuja envergadura panorâmica do debate em torno da identidade latino-americana é uma das contribuições mais notáveis ao campo nas últimas décadas.